

MESA-REDONDA

LITERATURA E HISTÓRIA

AGUSTINA BESSA-LUÍS

351

A razão por que tive grande inclinação para a disciplina de História, nos meus tempos de estudante, foi porque ela me punha em contacto com as personagens que eu adaptava ao romance. Que eram, elas próprias, romance vivido e com efeito na minha personalidade em desenvolvimento. A gramática francesa por que estudei, a gramática de Claude Augé, era ilustrada por casos, anedotas e figuras históricas. Que me acompanharam, que foram a derivação da moral do amor a mim mesma, como diria David Hume.

A História é rica em humanidade e desobediência, coisas que fazem falta num programa de educação se forem ministradas de maneira sábia. É da História que nasce a noção do dever e da razão. A Literatura navega na História como Ulisses na sua barca, saído da rotina dum reinado para a aventura do desconhecido. Na História não há adversários, há exemplos. Bons ou maus exemplos, que ambos são importantes na vida tanto do comum como do extraordinário.

Para mim, que tenho quase frequentes desvios da literatura para os campos da História, ela representa um amor, ainda que traído, à disciplina. Investigar é construir um modelo de verdade. O espírito investigador tem crescido com o andar das civilizações. E, o que é mais, quando se investiga, as paixões moderam-se; e despertamos a estima dos outros e somos dignos dos seus louvores. Torna-se uma espécie de diversão comum procurar a verdade dos factos. Isso pode ser verificado nos processos judiciais. Um sentimento que se reparte com os outros, eleva-se a um alto grau de comunicação. A História destina-se a comunicar o que o tempo afastou de nós no sopro do silêncio eterno. É um roubo à Eternidade, vejamos assim as coisas.

Muitas vezes, quando eu era uma criança de doze anos, juntamente com a minha prima Laura, que tinha a mesma idade (agora é que é mais nova um ano do que eu), íamos para as matas, junto dos lavrados campos, e interpretávamos figuras históricas. Rainhas e plebeias, traidores e valentes cavaleiros. Eu era a duquesa de Mântua, ela era um famigerado Bragança que ganhava a partida e foi rei. Mas o que amava era o frontal encontro do destino; e experimentava simpatia pela regente a quem os confederados queriam fazer sair pela janela, senão pela porta. Era uma bela frase que fez história. Eu perguntava-me como reagiria se eu fosse a Mântua. Por cima das nossas cabeças havia o ligeiro tremer das lanças que eram as folhas dos eucaliptos.

Num Colóquio Internacional de Literatura e História como este que decorre nas cidades do Porto e da Maia, tem cabimento comunicar pela magia que recorre das evocações do passado. O passado que é para o escritor um lugar vizinho; que é para o historiador uma prova de realidade conjugada com o sentimento próprio. É diferente

Suetónio de Tácito. Diferentes na fleuma, na habilidade que convence, no espírito que informa. Não há uma História, há historiadores. Para uns, Herodes foi um marido cruel e um sabujo dos romanos. Para outros, foi o homem que sofreu com a condenação de Mariana, filha de Macabeus e portanto hostis a Roma. O interesse na sociedade faz a História; os afectos fazem a sua força imaginativa. A História começa quando já não houver resquícios de egoísmo na maneira como interpretamos as acções distantes e passadas. E acaba quando a literatura toma o seu lugar, como usurpação talvez, e aí está a minha simpatia absurda pela duquesa de Mântua.

Porto, 15 de Novembro de 2003

DEPOIMENTO

FERNANDO CAMPOS

353

Assisti quanto pude ao Colóquio Literatura e História promovido pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Não foi só aprender as complexas subtilezas das eruditas comunicações dos mestres, o acervo de aturado trabalho que se entrevê ser levado a cabo com longas, penosas vigílias. Eu admiro-os, aos mestres, mas, ao mesmo tempo, que estranhas me soam aos ouvidos de leigo (embora aqui e acolá não me sejam desconhecidas essas lides) as suas tão elaboradas análises! Mas, como não me cabe falar das minhas predilecções – e, num colóquio repartido por dois anfiteatros, não se pode assistir a tudo –, tocarei apenas um ponto suscitado no fecho das actividades, na mesa-redonda em que foi dada a palavra aos escritores e tive a honra de participar .

Havia perguntas no ar feitas aos participantes da mesa. Uma delas era: “Como se insinua a história nas suas obras?”

Quando me foi dado responder, adverti de início – já que a assembleia era na sua maioria de especialistas universitários – que não iria fazer teoria nem me arrogava competência para tal, mas sim muito simplesmente dar a ideia dos meus processos oficinais. Estava ali na mesa, ao fim de contas, o velho problema e confronto da teoria e da prática. Uma professora minha amiga, Doutora Maria Fernanda Abreu, objectou-me que, ao falar dos meus processos de trabalho, já estava a fazer teoria, quer quisesse quer não. Na altura contrapus com uma tímida alusão a uma como que *intuição* – arre-dado que estava o conceito de *inspiração* – do ficcionista.

Tenho matutado muito no assunto. Hoje penso que gostaria de ouvir os entendidos discretear sobre a matéria e compreendo quanto a Doutora Maria Fernanda tinha razão. Aqui está um tema – julgo – a incluir em futuro colóquio.



L'HISTOIRE EST-ELLE UN ROMAN?

MICHEL HOST

355

L'écriture de romans et de fictions (pour m'en tenir à elle), se dégage difficilement de l'Histoire. Deux exemples extrêmes nous en convaincront peut-être. Les premiers mots d'un conte: «Il était une fois un roi dont l'humeur austère et chagrine inspirait plutôt de la crainte...»¹ ouvrent à l'enfant la trame du temps de "l'ancien régime" et la cohorte de ses mythologies; une œuvre de "science fiction" ouvrira d'autres espaces historiques: le *Nautilus*, de Jules Verne, se réfère à un présent déjà éloigné où les sous-marins et la vie des profondeurs océanes étaient un horizon pour le rêve; un récit mettant en jeu astronautes et engins intergalactiques se réfèrera à notre présent, et sans doute à un moment de l'Histoire où ni les sous-marins ni les rois ne satisfont plus entièrement aux exigences de l'imagination.

L'Histoire entre dans toute œuvre littéraire, soit de façon déclarée, comme dans le roman dit "historique", soit en contrebande et par voie indirecte, et peut-être sournoise, dans d'autres espèces de fiction. Elle est à la fois comme l'eau dans laquelle se baigne le corps et l'eau qui compose le pourcentage le plus important de la masse du même corps.

Cela dit, des doutes nombreux assaillent aussitôt l'écrivain.

En premier lieu, qu'est-ce qu'un "fait historique" et qu'est-ce qu'un "acteur de l'Histoire"? Notons que je ne veux mettre ici en cause ni la légitimité de l'Histoire («ce fourmillement d'éclairs, enregistré dans des pupilles de tortues», selon Léon Bloy) et encore moins sa *vérité*. L'abbé Herrera, dans *Les Illusions Perdues*, comptait trois Histoires: «l'officielle, menteuse, qu'on enseigne; l'Histoire *ad usum delphini*; puis l'Histoire secrète, où sont les véritables causes des événements, une histoire honteuse». Par Balzac, nous apprenons donc qu'il est au moins une histoire crédible, celle des causes cachées. Disons qu'il n'est pas facile de la situer lorsqu'elle se marie à la littérature.

Si, pour ma part, mes doutes et mon ironie (il m'arrive de manquer d'objectivité) me portent volontiers à voir dans l'historien une sorte d'astrologue du passé, je ne noircirai pas davantage le tableau.

Je me demande seulement si "le fait historique", qu'on le réduise à son expression simplifiée [Napoléon quitta l'île d'Elbe, reconquit le pouvoir en France durant cent jours, puis fut vaincu à Waterloo], ou qu'on l'accompagne de ses gloses, explications et commentaires divergents, voire contradictoires, est véritablement saisissable et connaissable.

Quant à l'acteur de l'Histoire, dans quelle mesure pèse-t-il sur les faits ou est-il lui-même "agi" par ces mêmes faits, par leur enchaînement, leur logique, leur pente

¹ Madame d'Aulnoy, *Le Rameau d'Or*.

naturelle? Mon intuition (l'écrivain use de cette arme-là aussi) me porte à répondre «non» à la première interrogation, et «voilà une chose bien partagée», à la seconde.

De cet ensemble de réflexions naissent naturellement d'autres questions: l'Histoire ne se réduirait-elle pas à son "récit"? Ne serait-elle pas, en tout et pour tout, la relation de faits et la peinture de *personnages*, au mieux mal connus, au pis aller inconnaisables? La seule matière de l'historiographie ne serait-elle pas précisément *ce qui s'est anéanti pour toujours dans un passé qui nous échappe*? Contre l'avis, probablement, de la majorité des historiens, qui sont gens sérieux, honnêtes et de conscience, qui font la part des certitudes et des doutes, qui tirent leurs déductions de documents authentifiés mais obligatoirement *interprétés*, (peut-être appelleront-ils sophismes mes raisonnements d'artiste), je soutiendrais volontiers que, oui, l'Histoire n'est que fiction et roman. Poussant d'une case encore ce pion sacrilège (si peu!), je soutiendrais aussi que le roman est la seule Histoire "crédible" (notons que je ne dis pas "véritable"), parce que passée à travers les tamis du sentiment, de la passion, de l'imagination, voire de la mauvaise foi et de la partialité. La seule Histoire *humainement* possible.

L'Histoire, à mon sens, est le roman de l'Histoire, ou son pré-roman. Cela, d'ailleurs, s'observe dans la plus contemporaine. L'actuelle guerre conduite au Moyen-Orient, proclamée achevée quand elle ne l'est pas, *ne se donne à nous que dans un "récit"* médiatique: à travers des images soigneusement triées, censurées..., des interprétations (déclarations, articles, publications) dictées par des intérêts politiques, religieux, identitaires, etc., des exégèses diverses et souvent contradictoires (contradictions dont il naît plus de confusion que de vérité). Nous sommes donc, dès la naissance de l'événement, introduits dans le (les) discours de cet événement; par conséquent dans une réalité fictionnellement assemblée. Je vois cela comme un pré-roman, et sans aucun doute comme une *fable*. Je ne crois pas, disant cela, être animé seulement par le goût du paradoxe, des jeux et cabrioles de l'esprit qui me plaisent tant d'ordinaire. Constatons encore que Fabrice Del Dongo n'eut pas de meilleure "vision" de la bataille de Waterloo que n'en a aujourd'hui un soldat américain de la bataille de Bagdad.

Un bret regard jeté sur deux "fables" anciennes – *L'Odyssée* homérique; les mille "récits" de l'aventure malheureuse du jeune roi *Dom Sebastião* – complètera ce rapide tour d'horizon. Nous voyons que le *départ* d'Ulysse (qui suppose le retour) donne lieu au poème, à l'épopée. Seuls les prétendants de Pénélope – mal leur en a pris –, ont cru qu'il s'agissait d'une disparition, laquelle eût été sans retour. En revanche, la *disparition* du jeune souverain portugais a engendré à la fois une mythologie (parfois une "croyance" au retour) et des quantités de "romans".

Relisant récemment l'étonnant récit que, dans ses *Annales*, Tacite fait de l'engloutissement (de la disparition) des trois légions de Varus dans les marécages et forêts germaniques de Tötebourg, j'ai "revécu" cet événement qui avait eu lieu quelque cent années avant que Tacite ne le rapporte. L'affaire appartenait donc déjà à l'Histoire, mais cela passionne à la manière d'un roman. Et c'en est un, en effet, où l'historien habille discrètement de la chair des sentiments et des émotions tous les squelettes, ceux des légionnaires romains, celui des faits. Ce roman est aussi, je crois, ce qui nous reste de meilleur et de plus précis sur cette histoire-là.